

Hibridismos do corpo: narrativas antihegemônicas na moda praia e lingerie

Laura Giovanna Oliveira Antunes (*)

Ítalo José de Medeiros Dantas (**)

Resumo: Este artigo investiga como a moda pode atuar como ferramenta de questionamento social a partir da criação de peças híbridas entre lingerie e moda praia, denominadas “linquínis”. A pesquisa parte da compreensão de que a distinção entre biquíni e lingerie não é apenas funcional, mas sustentada por construções morais e simbólicas que regulam o corpo feminino. O estudo articula moda, semiótica e estudos de gênero para analisar o vestuário como linguagem capaz de produzir sentidos, subjetividades e resistências. Metodologicamente, foram realizadas revisão bibliográfica, análise imagética, pesquisa de tendências e aplicação de questionário com quarenta mulheres sobre percepções relacionadas ao híbrido. Os resultados evidenciam interesse por peças associadas à liberdade, inovação, conforto e versatilidade, ao mesmo tempo em que revelam permanências de mecanismos de vigilância moral sobre o corpo feminino. A coleção “À Flor da Pele” materializa visualmente essas discussões por meio de looks que tensionam as fronteiras entre íntimo e público. Conclui-se que o “linquíni” opera como narrativa visual dissidente e dispositivo de resistência simbólica, reafirmando a moda como campo de disputa política, cultural e estética.

Palavras-Chave: moda híbrida – corpo feminino – semiótica – narrativas dissidentes – anti-hegemonia – moda praia – lingerie – descolonização estética – gênero – resistência simbólica

[Resúmenes en inglés y español en la página 240 y 241]

(*) (**) Ver CV de Laura Giovanna Oliveira Antunes e Ítalo José Medeiros Dantas en página 241

Introdução

Ao longo da história, o corpo feminino tem sido um território vigiado, regulado e disciplinado por meio de normas sociais, culturais e morais. Dentre essas formas de controle, o vestuário se destaca como uma ferramenta simbólica e prática de imposição de limites sobre o que é considerado apropriado ou aceitável no comportamento e na aparência das mulheres. A distinção entre peças como o biquíni e a lingerie ilustra claramente esse processo: enquanto o primeiro é legitimado socialmente em espaços públicos como praias e piscinas, o segundo permanece confinado ao âmbito íntimo e privado, mesmo quando ambos revelam proporções semelhantes do corpo.

Essa separação não se dá apenas por uma função utilitária, mas carrega consigo uma carga simbólica que reforça fronteiras morais sobre a sexualidade, o pudor e a liberdade de expressão do corpo feminino. Nesse contexto, observa-se que a distinção entre moda praia e lingerie revela-se como uma estratégia de manipulação simbólica e controle social, funcionando não apenas como separação funcional, mas como reflexo de valores morais e sociais impostos à mulher. Questionar tais divisões torna-se, portanto, uma estratégia de enfrentamento aos códigos normativos que ainda insistem em ditar onde, como e quando o corpo da mulher pode ser visto e desejado.

Diante disso, a moda pode ser entendida como uma linguagem capaz de tensionar essas fronteiras simbólicas e propor alternativas visuais e discursivas aos códigos normativos vigentes. Nesse cenário, a moda surge como linguagem crítica e espaço potente de ressignificação social. Ao propor peças híbridas, como o “linquíni”⁽⁰¹⁾ proposto, argumentado e discutido neste estudo, configurando-se como uma fusão entre lingerie e biquíni, este trabalho se insere no campo da moda como protesto, investigando de que forma o design pode desafiar e tensionar os limites impostos ao vestir feminino. A proposta assume a criação como ato político, no qual a estética dialoga com questões de gênero, autonomia e resistência simbólica.

A pesquisa parte do seguinte problema: *como a moda pode subverter fronteiras morais ao propor peças híbridas que desafiam códigos de vestimenta e comportamento esperados para as mulheres?* A partir disso, estabelece-se como objetivo investigar o potencial da moda enquanto ferramenta de questionamento social por meio do desenvolvimento de peças que fundem elementos do biquíni e da lingerie. O trabalho também busca compreender as construções sociais e morais atribuídas ao corpo feminino, refletir sobre a moda como linguagem crítica e propor alternativas visuais que rompam com binarismos normativos. A metodologia adotada foi estruturada a partir de revisão bibliográfica e imagética aprofundada, com o objetivo de compreender os discursos sociais e simbólicos em torno

(01) Termo proposto e utilizado neste estudo para designar uma peça híbrida entre lingerie e biquíni, articulando elementos estéticos e funcionais de ambos os vestuários como proposta de tensionamento das normas tradicionais do vestir feminino.

do corpo feminino e da moda como ferramenta de linguagem crítica. Foram consultadas obras, artigos científicos, teses, dissertações e materiais visuais relacionados à dualidade entre moda praia e lingerie, aos códigos sociais atribuídos ao vestuário íntimo e à exposição do corpo, além das práticas contemporâneas de hibridismo na moda. Paralelamente, realizou-se pesquisa de tendências estéticas e socioculturais, bem como análise imagética voltada à criação de painéis semânticos alinhados ao perfil do público-alvo.

Além disso, dentro das etapas projetuais, foi também aplicado um questionário online com quarenta mulheres, buscando compreender o interesse e a aceitação de peças híbridas entre moda praia e lingerie. Os dados coletados contribuíram para orientar o desenvolvimento da coleção, permitindo relacionar os aspectos teóricos discutidos ao comportamento e às percepções das participantes acerca do vestir, da liberdade corporal e das fronteiras simbólicas entre o íntimo e o público.

A etapa prática envolveu o desenvolvimento de propostas de looks híbridos concebidos a partir dos dados extraídos das pesquisas teórica, imagética e de opinião. As peças foram criadas priorizando conforto, versatilidade e apelo visual, culminando na elaboração do “linquíni” como expressão material da pesquisa.

Assim, este artigo propõe compreender a moda não apenas como manifestação estética, mas como prática discursiva capaz de produzir deslocamentos simbólicos e questionar estruturas patriarcais e heteronormativas que historicamente regulam o corpo feminino. Para isso, o texto está organizado em discussões sobre moda como linguagem e prática cultural, mecanismos de controle simbólico do corpo feminino, relações entre moda praia e lingerie na construção da identidade brasileira e, por fim, a análise do “linquíni” como narrativa dissidente e proposta de resistência estética e política.

Moda, corpo e linguagem: o vestir como sistema simbólico

A moda pode ser compreendida como uma linguagem simbólica e uma prática cultural profundamente enraizada nas relações sociais. Segundo Reinke (2017) e McCracken (2003), a cultura se constitui a partir das ideias e ações que, dentro de um grupo, estruturam os processos de significação social. Nesse contexto, o consumo ultrapassa sua função utilitária e passa a carregar significados que dialogam diretamente com os aspectos identitários do indivíduo. Assim, as escolhas individuais de vestuário transformam-se em ferramentas de expressão pessoal e de reconhecimento coletivo.

Para La Serra (2024), a moda, tal como a linguagem, é inescapável. Está presente em cada gesto de vestir, uma vez que o sujeito, ao cobrir o corpo, também inscreve sentidos e intenções sobre si mesmo. A autora argumenta que não há neutralidade nem mesmo nos usos mais rotineiros das roupas, pois são elas que conectam o corpo à esfera social, ao mesmo tempo em que o distanciam dela, revelando a ambiguidade constitutiva da corporeidade e de sua relação com o mundo.

Retomando o pensamento de Reinke (2017), o ato de consumir moda torna-se, portanto, um mecanismo de afirmação identitária. O vestuário, ao ser impregnado de discursos simbólicos, frequentemente criados por estratégias publicitárias, assume valores que

ultrapassam a função prática e passam a representar ideologias, visões de mundo e experiências sociais. Desse modo, o consumo se transforma em uma prática discursiva complexa e essencial para a construção do sujeito contemporâneo.

Teixeira (2021) complementa esse entendimento ao afirmar que a moda atua como um campo discursivo que atravessa objetos, corpos e imagens. Esses elementos carregam significados múltiplos que posicionam o sujeito dentro de determinado contexto social. As roupas, ao velarem e desvelarem o corpo, funcionam como mediadoras sensíveis da experiência, instaurando modelos de comportamento e comunicação por meio da visualidade. Nessa perspectiva, ainda segundo Reinke (2017), a linguagem da moda, por se tratar de uma linguagem visual, opera com elementos como formas, cores, texturas e acabamentos da mesma forma que a linguagem verbal organiza palavras em frases. Cada combinação visual pode ser interpretada como uma construção de sentido, revelando um vocabulário estético próprio e culturalmente situado.

Para Teixeira (2021), essas práticas visuais não apenas vestem o corpo, mas moldam sua estética e comunicam sua existência no mundo. A moda cria discursos por meio de aparições visuais que antecedem qualquer enunciação verbal, sendo assim uma forma de linguagem que se expressa prioritariamente pela imagem. Dessa maneira, a roupa se insere num sistema semiótico que permite a articulação entre ser, fazer e dizer no universo das aparências.

Nesse contexto, a semiótica apresenta-se como ferramenta fundamental para compreender os processos de significação que atravessam o vestuário e a construção simbólica do corpo. Segundo Santaella (2018), a semiótica, dentro da arquitetura filosófica proposta por Peirce (2005), está fundamentada na fenomenologia, uma ciência voltada à investigação dos modos como percebemos tudo que se apresenta à consciência. A partir dela se estruturam as três ciências normativas: a estética, que determina os ideais que orientam nossos sentimentos; a ética, que regula nossa conduta; e a lógica, que organiza nosso pensamento. Essas esferas revelam como os valores, normas e ideais moldam a forma como interpretamos e organizamos a realidade, inclusive no modo como os corpos são representados e controlados simbolicamente.

Barthes (2006) reforça essa perspectiva ao indicar que todo significado está inevitavelmente ligado à linguagem. Para ele, não há sentido possível fora de um sistema linguístico, já que a nomeação é o que transforma a substância em significado. Mesmo ao trabalhar com elementos aparentemente não verbais, como imagens ou objetos, o processo semiótico nos obriga a retornar à linguagem como meio de compreensão. Assim, roupas e aparências não apenas comunicam, mas só fazem sentido porque estão inseridas em uma rede discursiva que as codifica socialmente.

A partir dessa compreensão, Niemeyer (2003) contribui ao definir o signo como um elemento que representa algo a alguém em um contexto específico, funcionando como mediador entre o que está ausente e o intérprete presente. Em sua perspectiva, os signos,

organizados em códigos, estruturam os sistemas de linguagem que sustentam qualquer forma de comunicação. Essa articulação entre signos é o que possibilita a construção de sentido nas manifestações visuais e simbólicas da moda, especialmente quando analisamos como o corpo feminino é inscrito e regulado dentro dessas codificações.

Ainda de acordo com Niemeyer (2003), os diferentes tipos de linguagem, sendo ela verbal, não verbal e sincrética, entrelaçam-se na produção do design, especialmente na moda, que frequentemente opera por meio de uma linguagem sincrética. A semiótica, nesse sentido, permite compreender como os dados sensíveis e visuais se transformam em conhecimento e comunicação (Reinke, 2017). O corpo feminino, ao ser vestido, passa a desempenhar papéis simbólicos que não são neutros, mas carregados de significados culturais, históricos e sociais.

Com essa perspectiva, Reinke (2017) observa que, na moda, o vestuário se apresenta como um signo cujo significado transcende o material e alcança dimensões simbólicas. A análise semiótica, nesse contexto, deve considerar os aspectos sociológicos, psicológicos e culturais atribuídos às peças. A roupa, portanto, não apenas cobre o corpo: ela comunica pertencimentos, diferenças e intenções, sendo interpretada de acordo com códigos culturais que moldam o olhar e o julgamento social, especialmente sobre os corpos femininos.

Complementando esse raciocínio, Peirce (2005) define o signo como aquilo que representa algo para alguém, mediante uma tríade: representante, objeto e interpretante. Esse processo, denominado semiose, revela que a construção do significado está sempre em movimento e depende da sensibilidade, da razão e da cultura do intérprete. A roupa, como signo, participa dessa lógica e contribui para os mecanismos de controle simbólico sobre o corpo ao ser interpretada por normas e expectativas sociais.

A análise de Dondis (1994) aprofunda o papel dos elementos visuais na construção de sentido. Segundo a autora, a etapa de composição é determinante na resolução de problemas visuais e na definição da intenção comunicativa de uma criação. As decisões de design, como cor, forma, textura e equilíbrio, orientam a percepção e modulam o impacto da imagem sobre o observador. Nesse processo, o corpo feminino vestido se torna o suporte de uma narrativa visual estruturada e dirigida, muitas vezes regulada por padrões normativos de beleza, decoro ou erotização. Voltando ao argumento de Reinke (2017), mesmo que a linguagem da moda não siga um sistema gramatical rígido como o da língua escrita, ela pode ser analisada por meio da semiótica. Um exemplo disso é a variação simbólica das cores em contextos funerários: na cultura ocidental cristã, o preto representa o luto, enquanto na Índia, o branco cumpre esse papel. Tais exemplos evidenciam como o sentido da moda é culturalmente construído e requer interpretação. Por fim, La Serra (2024) observa que vestir-se é também uma busca por identidade e pertencimento. A roupa, como extensão do corpo, atua tanto na afirmação do eu quanto na demarcação da alteridade. A moda, nesse sentido, opera através de dicotomias, como semelhança e diferença, cópia e originalidade, revelando-se como um campo tensionado

entre o desejo de se integrar e o impulso de se diferenciar. Dessa forma, ao reconhecer a moda como linguagem visual e fenômeno cultural, evidencia-se sua potência simbólica na construção de subjetividades e no posicionamento social dos indivíduos. O vestir ultrapassa a mera funcionalidade e torna-se uma forma de enunciação carregada de sentidos, atravessada por discursos, valores e identidades. A roupa não apenas cobre o corpo, mas produz significados sobre ele, organizando visualmente formas de pertencimento, desejo e aceitabilidade social. Nesse cenário, compreender os mecanismos simbólicos que regulam essas construções torna-se fundamental para analisar como o corpo feminino é historicamente disciplinado, observado e normatizado por discursos sociais e visuais.

O corpo feminino entre vigilância e performatividade

O controle simbólico sobre o corpo feminino não se limita a discursos explícitos de dominação, mas se manifesta em práticas sociais e culturais que delimitam comportamentos, aparências e existências possíveis para as mulheres. Como apontam Cavinatto e Hahn (2025), essas normas muitas vezes são assimiladas e reproduzidas pelas próprias mulheres, reforçando estruturas de poder que restringem sua autonomia e naturalizam desigualdades.

Ao refletir sobre a construção do gênero, a teoria da performatividade de Judith Butler revela como a repetição de atos cotidianos cria a ilusão de um corpo naturalmente feminino. Nesse processo, segundo Butler (2018), o corpo feminino é moldado a partir de normas que o antecedem, sendo constantemente regulado por expectativas sociais. Essa performatividade mantém a vigilância simbólica e sustenta a coerência das categorias sexuais, que, por sua vez, consolidam a heterossexualidade como norma compulsória. Nesse contexto, o corpo feminino torna-se alvo de um tipo específico de disciplina que, conforme observa Bartky (1990), não recorre à violência direta, mas opera por meio de técnicas sutis e constantes. Essas técnicas regulam os contornos, os gestos, os apetites e a apresentação visual do corpo da mulher, impondo padrões de comportamento e aparência que variam conforme as transformações sociais, mas mantêm sua função de controle.

Ainda segundo Bartky (1990), a sexualidade feminina, principalmente sob o prisma da heterossexualidade presumida, torna-se um eixo central para essa normatização. Os modelos de feminilidade propagados pelas mídias substituem os discursos religiosos tradicionais, criando imagens hegemônicas que atravessam classes sociais e idades, consolidando-se como padrões aspiracionais de corpo e conduta. Por sua vez, Cavinatto e Hahn (2025) destacam que os padrões sociais funcionam como pilares da organização coletiva, conferindo um senso de ordem e coesão. Porém, é justamente essa função reguladora que também limita a pluralidade de existências possíveis para os corpos femininos, ao fixar comportamentos desejáveis e excluir expressões consideradas desviantes.

Nesse sentido, a moda desempenha um papel estratégico: ela não apenas traduz essas normas visuais, como também contribui para sua disseminação. Ao aproximarmos

os estudos de gênero e semiótica da análise da indumentária, como propõe Reinke (2017), torna-se evidente que o vestuário funciona como signo dentro de um sistema de significação cultural. A roupa feminina, especialmente, é um território onde se negociam poder, identidade e pertencimento, articulando o corpo com o simbólico. Essas reflexões são especialmente relevantes quando analisamos os segmentos da moda íntima e da moda praia no Brasil. Ambos os nichos expõem camadas profundas de controle e libertação, desejo e normatividade, sendo centrais para entendermos como a identidade nacional se entrelaça com representações do corpo feminino.

Disputas entre o íntimo e o público: o biquíni, a lingerie e a construção simbólica da feminilidade brasileira

A obsessão com o corpo feminino no Brasil contemporâneo contrasta com o legado de liberdade e transgressão herdado das décadas de 1960 e 1970. Como observa Goldenberg (2005), mesmo após conquistas significativas no campo da sexualidade e da autonomia feminina, as mulheres brasileiras, especialmente as jovens cariocas, parecem distantes do espírito libertário de figuras como Leila Diniz. A pressão estética e o culto ao corpo indicam que os avanços simbólicos do passado ainda não se traduziram em libertações plenas no presente.

Nesse contexto, a moda praia e a moda íntima no Brasil operam como dispositivos simbólicos de construção da identidade feminina e nacional. Ao longo das décadas, o biquíni deixou de ser apenas uma peça de vestuário para se tornar um marcador cultural carregado de significados sobre liberdade, desejo, disciplina e pertencimento. Seu percurso revela tensões entre emancipação e controle, refletindo as contradições de uma sociedade que exalta o corpo feminino enquanto ainda impõe limites à sua autonomia. Nesse cenário, moda e política se entrelaçam, oferecendo pistas valiosas para compreendermos como o corpo da mulher brasileira é, simultaneamente, palco e protagonista de disputas simbólicas.

O surgimento do biquíni, em 1946, marcou uma revolução tanto na moda quanto nos costumes sociais da época. Segundo Ferreira e Serrano (2019), o estilista francês Louis Réard nomeou a peça em referência aos testes nucleares no Atol de Bikini, aludindo ao seu impacto explosivo no imaginário coletivo. A primeira aparição pública da peça, usada por Micheline Bernardini, causou escândalo por deixar o umbigo à mostra, desafiando os padrões morais vigentes e associando o corpo feminino a um campo de tensão e transgressão (Figura 1).



Figura 1. Micheline Bernardini utilizando o primeiro biquíni em 1946
Fonte: Keystone/Getty Images

A trajetória do biquíni no Brasil começou logo depois, em 1948, com sua estreia nas praias do Rio de Janeiro. Ferreira e Serrano (2019) relatam que, nas décadas seguintes, a peça evoluiu e se popularizou graças à influência de atrizes de Hollywood e ícones nacionais como Helô Pinheiro, que desfilavam suas versões nos calçadões cariocas (Figura 2). Nos anos 1960, apesar da adesão crescente, o uso do biquíni foi proibido nos concursos de Miss Brasil, refletindo a resistência institucional às mudanças comportamentais. Ainda assim, surgiram tentativas criativas de contornar restrições morais, enquanto Leila Diniz desafiava tabus ao exibir sua barriga de grávida nas praias, tornando-se símbolo de feminismo e liberdade corporal.



Figura 2. Helô Pinheiro e a consolidação do imaginário do biquíni carioca nos anos 1960
Fonte: Helô Pinheiros Celebra os 60 anos de “Garota de Ipanema”

De acordo com Lima e Martins (2015), mesmo após a consolidação do biquíni como traje de banho, a exposição da barriga durante a gestação permaneceu como um dos principais tabus nas praias brasileiras. Os autores explicam que predominava uma concepção de maternidade idealizada e sacralizada, que não se conciliava com o caráter erotizado historicamente associado ao corpo feminino de biquíni. Por essa razão, era comum que mulheres grávidas utilizassem maiôs inteiros ou biquínis adaptados com saiotos que cobriam o abdômen.

Segundo Lima e Martins (2015), a figura responsável por romper esse padrão de recato foi a atriz Leila Diniz. Em 1971, já consolidada como personalidade pública de grande alcance nacional, suas atitudes ultrapassavam o círculo artístico e influenciavam diretamente o comportamento social. Os autores destacam que Leila assumia um estilo

de vida que contrariava os padrões morais hegemônicos, incluindo o uso de linguagem considerada imprópria para mulheres à época, a liberdade afetivo-sexual e a decisão de ter uma filha fora do casamento.

Ainda conforme Lima e Martins (2015), a fotografia de Leila grávida de biquíni nas areias de Ipanema transformou-se em um marco cultural (Figura 3). A imagem produzia simultaneamente estranhamento e encanto, pois expunha uma área do corpo feminino que deveria, segundo as normas sociais, permanecer oculta; contudo, a expressão corporal de Leila transmitia felicidade e naturalidade, e não qualquer intenção de provocação sexual. Essa postura contrariava o sentimento de vergonha e marginalização frequentemente imposto às mulheres que engravidavam fora das convenções tradicionais.

Ao analisar a trajetória da atriz, Lima e Martins (2015) afirmam que Leila realizou uma “revolução simbólica” ao tornar visível uma dimensão da sexualidade feminina historicamente controlada e silenciada. Para os autores, a atriz trouxe à luz comportamentos que muitas mulheres já vivenciavam, mas que eram reprimidos socialmente, sendo marcados como proibidos ou vergonhosos.



Figura 3. Leila Diniz grávida de biquíni em Ipanema, 1971

Fonte: Biografia de Leila Diniz

Durante os anos 1970, o biquíni incorporou elementos artesanais como o crochê, cortes menores e cores vivas, refletindo o espírito de contracultura da época. A consolidação da moda praia brasileira no exterior contou com a atuação de modelos como Rosi de Primo e com o investimento da indústria têxtil em materiais como a Lycra, que aliavam conforto e estética (Ferreira & Serrano, 2019). Já nas décadas de 1980 e 1990, a moda praia dialogou com o movimento da “geração saúde”, intensificando o culto ao corpo. Ferreira e Serrano (2019) apontam que biquínis asa-delta e o modelo fio dental passaram a representar o imaginário de sensualidade tropical associado ao Brasil (Figura 4).



figura 4. Moda praia brasileira e o imaginário corporal tropical nos anos 1980

Fonte: Em 1985 o biquíni Asa Delta marcava presença nas praias cariocas e era referência para todo o Brasil.

Atualmente, o Brasil ocupa posição de destaque como maior produtor e consumidor de biquínis no mundo. Conforme Ferreira e Serrano (2019), o estilo arrojado, a diversidade de modelagens e a alta qualidade dos materiais fazem do biquíni brasileiro um produto cultural de reconhecimento internacional. Mais do que uma peça de moda, o biquíni tornou-se símbolo de identidade nacional, associado à liberdade corporal, ao clima tropical e à extensa faixa litorânea que molda o estilo de vida e o imaginário coletivo do país.

Entretanto, enquanto o biquíni foi gradualmente legitimado como símbolo da brasilidade e da liberdade tropical, a lingerie permaneceu historicamente associada ao íntimo, ao erotismo e à moralidade sexual feminina. Assim, entende-se que a lingerie exerce influência significativa sobre a forma como o corpo feminino é percebido socialmente, funcionando como símbolo carregado de construções culturais, políticas e sociais (Farragolo, 2021; Amaral, 2024; Azevedo, 2024). Os autores supramencionados explicam que a trajetória histórica dessas peças está vinculada às maneiras de revelar ou ocultar o corpo, frequentemente reforçando ideais normativos de beleza, promovendo a objetificação feminina e associando as mulheres a papéis de desejo, submissão ou controle simbólico.

Segundo Lafetá e Alfinito (2013), as transformações históricas que influenciaram o uso e o valor simbólico da lingerie têm origem na Antiguidade, quando essas peças eram destinadas exclusivamente a ocultar partes do corpo consideradas impróprias ao olhar público. Com o decorrer dos séculos, entretanto, a lingerie passou a atuar na conformação da silhueta feminina, refletindo e reforçando os ideais estéticos de cada período histórico (Figura 5).



Figura 5. Colagem com transformações históricas da lingerie e da representação do corpo feminino

Fonte: (Foto: Getty Images) — Foto: Glamour

Os autores explicam que, no século XIX, a lingerie assume uma conotação explicitamente erotizada. O surgimento de práticas performáticas como o canção, o strip-tease e, posteriormente, o baby-doll evidencia uma maior exposição do corpo feminino, contribuindo para o fortalecimento de seu caráter simbólico e sensual. Essa mudança marca um momento em que a lingerie deixa de ser apenas uma camada funcional de vestimenta para se tornar parte integrante de uma estética erótica amplamente difundida. Conforme apontam Lafetá e Alfinito (2013), no século XX, a lingerie passa a expressar não apenas sensualidade, mas também estilo de vida, identidade e transformações sociais mais amplas, especialmente aquelas relacionadas à busca feminina por maior autonomia. Contudo, entende-se que há um movimento contemporâneo que busca reconfigurar essas representações, desvinculando a lingerie de significados objetificadores e posicionando a mulher como agente de suas escolhas estéticas, corporais e subjetivas (Farragolo, 2021; Amaral, 2024; Azevedo, 2024).

Além disso, a autora destaca que a lingerie vem sendo ressignificada no contexto da cultura de consumo, passando a ocupar também o lugar de um produto de moda associado ao bem-estar, ao design e ao conforto, ampliando seu sentido para além da função sedutora tradicional. Assim, essas novas práticas de uso e representação moldam a percepção social do corpo feminino ao mesmo tempo em que reproduzem e desafiam padrões estabelecidos de feminilidade.

Essa tensão entre liberdade e controle também aparece na consolidação do *beachwear* brasileiro contemporâneo. Conforme relata a Golldenizon (2021), ao chegar ao Rio de Janeiro em 1979, Lenny Niemeyer declarou ter encontrado na cidade seu “grande amor estético”, encantando-se com a combinação singular entre natureza exuberante, sensualidade, espontaneidade urbana e arquitetura modernista. Esse contexto inspirou a criação de um design autoral que dialogava diretamente com o clima tropical e com a corporeidade da mulher brasileira. Lenny foi pioneira ao transformar a moda praia em um segmento de luxo no Brasil, especialmente a partir dos anos 1990. Seus projetos incluíam modelagens inovadoras, tecidos tecnológicos e estampas inspiradas na flora e

nas paisagens tropicais, gerando uma nova identidade visual para o *beachwear* nacional (Figura 6).

Nesse contexto, sabe-se que foi Lenny quem inaugurou no Brasil a ideia de um *beachwear* capaz de transitar entre a praia e a cidade. Suas coleções incorporavam kaftans, vestidos fluidos e peças em linho que podiam ser utilizadas em diferentes ocasiões sociais, acompanhando a rotina de mulheres que buscavam versatilidade sem abrir mão da elegância. Com isso, Lenny Niemeyer elevou o biquíni brasileiro ao status de arte e símbolo cultural. Sua contribuição foi essencial para transformar a moda praia em um setor de luxo e para estabelecer o Rio de Janeiro como referência estética global nesse segmento.



Figura 6. Lenny Niemeyer e a consolidação do *beachwear* brasileiro de luxo

Fonte: Alto Verão 22, Lenny Niemeyer, SPFW. (Zé Takahashi / Foto: site/Divulgação)

Dessa forma, percebe-se que biquíni e lingerie ocupam posições simbólicas distintas dentro da cultura brasileira: enquanto o primeiro foi parcialmente legitimado como expressão de liberdade tropical e identidade nacional, a segunda permaneceu marcada pelo íntimo, pela erotização e pela vigilância moral do corpo feminino. É justamente nessa tensão entre público e privado, aceitação e censura, liberdade e disciplina, que emergem propostas híbridas capazes de desestabilizar categorias tradicionais do vestir. O “linquíni”, ao fundir códigos da lingerie e da moda praia em uma única peça, opera como um curto-circuito simbólico que questiona as fronteiras morais historicamente impostas ao corpo da mulher.

O “linquíni” como narrativa dissidente

O híbrido como ruptura simbólica

A proposta do “linquíni” surge da compreensão de que as fronteiras entre moda praia e lingerie não são determinadas apenas por questões funcionais, mas principalmente por construções simbólicas e morais que regulam a visualidade e a circulação do corpo feminino. Embora biquíni e lingerie revelem proporções semelhantes do corpo, ambas ocupam lugares distintos dentro da lógica social: enquanto o biquíni é legitimado em espaços públicos como praias e piscinas, a lingerie permanece associada ao íntimo, ao

privado e à erotização. Essa separação evidencia mecanismos culturais que determinam quais formas de exposição corporal são aceitas ou condenadas.

Nesse contexto, a criação de peças híbridas entre lingerie e biquíni atua como estratégia de enfrentamento simbólico dessas normas. O “linquíni”, ao unir códigos visuais tradicionalmente separados, produz um deslocamento de sentidos que tensiona categorias fixas do vestir feminino. A fusão entre elementos da moda íntima e da moda praia desorganiza as fronteiras entre o íntimo e o público, entre o permitido e o censurado, questionando as convenções morais historicamente impostas ao corpo da mulher.

Como discutido anteriormente, a moda pode ser compreendida como linguagem simbólica e prática cultural profundamente vinculada aos processos de construção identitária e significação social. Para Reinke (2017), o vestuário ultrapassa a função utilitária e passa a atuar como discurso visual carregado de valores culturais, sociais e ideológicos. Dessa forma, as roupas não apenas cobrem o corpo, mas produzem sentidos sobre ele, organizando visualmente pertencimentos, diferenças e expectativas sociais.

A partir dessa perspectiva, o “linquíni” não se apresenta apenas como produto de moda, mas como signo carregado de significados políticos e culturais. Ao deslocar elementos associados à lingerie para espaços historicamente legitimados pela moda praia, a peça provoca um curto-circuito simbólico que dificulta categorizações imediatas. Esse hibridismo rompe com a lógica binária que separa o íntimo do público e evidencia como essas divisões são socialmente construídas.

Além disso, o projeto parte da compreensão de que o corpo feminino historicamente ocupa posição central nos mecanismos de vigilância e controle simbólico. Conforme discutido por Butler (2018) e Bartky (1990), os padrões de feminilidade são constantemente produzidos e reforçados por normas sociais que regulam comportamentos, aparências e formas de exposição do corpo. Nesse sentido, a proposta híbrida busca não apenas criar uma nova categoria estética, mas também questionar os códigos que definem quais corpos podem ser vistos, desejados ou legitimados socialmente.

A coleção “À Flor da Pele” nasce justamente desse desejo de expandir fronteiras entre o íntimo e o público, o mar e a cidade, o que se espera de um corpo e o que ele deseja expressar. As peças híbridas assumem a moda como linguagem crítica e o corpo como território de liberdade, propondo visualidades que desafiam os códigos morais tradicionais do vestir feminino. O próprio nome da coleção traduz o estado de sensibilidade e coragem de quem se expõe, questiona e ressignifica sua presença no mundo.

Assim, o “linquíni” pode ser compreendido como narrativa dissidente que utiliza o design como ferramenta de resistência simbólica. Ao fundir categorias historicamente separadas, a peça desloca significados cristalizados sobre feminilidade, sensualidade e decoro, abrindo espaço para novas possibilidades de representação, autonomia e existência do corpo feminino contemporâneo.

Pesquisa com mulheres e percepções sobre o híbrido

A pesquisa de público realizada neste trabalho buscou compreender como mulheres de diferentes perfis percebem a proposta de peças híbridas entre lingerie e biquíni, identificando interesses, expectativas, resistências e significados associados ao vestir feminino contemporâneo. O público analisado foi composto por pessoas do gênero feminino e pessoas que se identificam com a figura feminina, entre 25 e 65 anos, com renda mensal entre R\$1.500 e R\$10.000 e escolaridade variando do Ensino Básico ao Superior. As participantes demonstraram interesse por atividades ao ar livre, arte, moda, música, sustentabilidade e consumo consciente, valorizando produtos associados à inovação, versatilidade, atemporalidade e durabilidade.

A análise dos dados obtidos por meio do questionário aplicado ao público-alvo permitiu compreender como a proposta de uma peça híbrida entre lingerie e biquíni é recebida por mulheres de diferentes perfis, revelando percepções, valores e possíveis resistências relacionadas ao vestuário íntimo e à exposição do corpo feminino. Esses dados, quando cruzados com os referenciais teóricos e com os objetivos do trabalho, apontam para caminhos relevantes de reflexão sobre como a moda pode atuar como instrumento de crítica e subversão de códigos morais impostos às mulheres.

As respondentes, em sua maioria, estão na faixa etária de 18 a 34 anos (80%), grupo identificado por apresentar maior abertura a inovações comportamentais e estéticas. A ampla predominância de mulheres cisgênero (85%), embora também incluam mulheres trans e outras identidades, reforça a importância de considerar as experiências diversas no vestir feminino, sem perder de vista a centralidade das imposições históricas sobre o corpo da mulher.

Quanto ao uso de lingerie e biquíni, 47,5% das participantes relataram utilizar lingerie diariamente e biquíni ocasionalmente, enquanto 12,5% afirmaram usar ambos com frequência. Esses dados indicam que o vestuário íntimo é parte constante da rotina, ao passo que o biquíni é utilizado em contextos específicos, reforçando a separação simbólica e social entre o que se entende como peças “íntimas” e “públicas”.

No entanto, ao serem questionadas sobre a possibilidade de uma peça que funcione tanto como lingerie quanto como biquíni, a maioria das mulheres respondeu de forma positiva: 75% disseram que usariam esse tipo de peça, e 87,2% afirmaram que comprariam se fosse funcional e estilosa. Esses índices revelam uma abertura significativa à proposta híbrida, que, por sua natureza, questiona diretamente as fronteiras morais impostas sobre o corpo feminino e o que é considerado apropriado vestir em diferentes contextos.

As principais qualidades esperadas da peça também revelam muito sobre as prioridades do público. Conforto (77,5%), versatilidade na modelagem (55%) e tecido leve e respirável (72,5%) foram os atributos mais valorizados pelas participantes. Essas preferências evidenciam que, além de romper barreiras simbólicas, a peça precisa atender a demandas reais de praticidade, funcionalidade e bem-estar físico.

Ao analisar os contextos em que a peça seria mais útil, as respostas também se mostraram diversificadas: 42,5% indicaram o uso no dia a dia como lingerie, 25% em viagens e outros 25% como parte de looks casuais, funcionando como top. Esses resultados demonstram

que a peça híbrida possui potencial para transitar entre diferentes ambientes sociais, deslocando códigos tradicionalmente associados ao íntimo e ao público e evidenciando exatamente o ponto de tensão moral discutido ao longo desta pesquisa.

Em relação às preocupações com a peça, os principais receios concentraram-se na transparência (30,8%), durabilidade (25,6%) e resistência à água (15,4%). Tais preocupações revelam que, embora exista abertura para a proposta híbrida, permanecem marcas simbólicas relacionadas à vigilância e ao controle do corpo feminino. O receio da transparência, em especial, evidencia como a exposição corporal ainda é atravessada por normas morais e expectativas sociais que delimitam o que pode ou não ser mostrado em determinados espaços.

Ao serem convidadas a definir com uma palavra o que esperavam da peça, as participantes escolheram termos como liberdade (25%), inovação (25%), conforto (22,5%) e praticidade (20%). Essa escolha léxica reforça que a peça híbrida não é desejada apenas por sua funcionalidade, mas também como símbolo de mudança, quebra de padrões e autonomia no vestir.

Com base nos dados levantados, é possível afirmar que a moda se revela como uma potente ferramenta de subversão simbólica ao oferecer, por meio do design de peças híbridas como o “linquíni”, uma nova forma de pensar o corpo feminino e suas possibilidades de expressão. A fusão entre lingerie e biquíni rompe com a separação tradicional entre o íntimo e o público, questionando normas que historicamente impuseram limites ao comportamento, à aparência e à sexualidade das mulheres.

A alta taxa de aceitação e interesse pela peça proposta demonstra que o público está disposto a desafiar códigos morais convencionais, desde que o produto atenda também às exigências de conforto, estilo e funcionalidade. Assim, ao criar uma peça que transita entre diferentes contextos, a moda atua não apenas como tendência estética, mas como linguagem crítica e forma de protesto silencioso que reivindica a liberdade de ser, vestir e ocupar espaços sem repressão moral.

Materialização visual do “linquíni”

No contexto deste estudo, propomos a coleção “À Flor da Pele” como materialização visual das discussões teóricas desenvolvidas ao longo desta investigação. Assim sendo, as peças híbridas propostas operam como tensionamentos simbólicos entre lingerie e moda praia, deslocando códigos tradicionalmente associados ao íntimo e ao público. As criações assumem a moda como linguagem crítica e o corpo como território de liberdade, propondo visualidades que desafiam os códigos morais tradicionais do vestir feminino. As peças desenvolvidas incorporam elementos historicamente vinculados à lingerie, como transparências, recortes corporais, modelagens ajustadas e estruturas de sustentação, articulando-os com materiais, acabamentos e funcionalidades próprias da moda praia contemporânea. Esse hibridismo produz um deslocamento simbólico que dificulta categorizações imediatas, questionando as fronteiras entre o permitido e o censurado, entre o íntimo e o socialmente legitimado.

Além disso, os looks foram concebidos priorizando conforto, versatilidade e funcionalidade, aspectos apontados como fundamentais pelas participantes da pesquisa. Dessa forma, as peças não atuam apenas como propostas estéticas, mas como dispositivos visuais de resistência simbólica, capazes de provocar reflexões sobre autonomia, pertencimento e liberdade corporal.

Foram materializados um total de três looks. Outrossim, inicialmente, O look apresentado na Figura 7 materializa visualmente a proposta híbrida desenvolvida nesta pesquisa ao fundir elementos simbólicos da lingerie e da moda praia em uma única composição. A modelagem do top remete à estrutura típica de peças íntimas, especialmente pela valorização do busto por meio de curvas acentuadas e recortes inferiores que simulam construções associadas ao sutiã, enquanto o uso da lycra, as alças largas e os acabamentos limpos aproximam a peça da estética contemporânea do *beachwear*. A calcinha de cintura alta, combinada ao recorte frontal angular, evidencia a silhueta feminina sem recorrer à exposição excessiva, produzindo uma visualidade que tensiona os limites entre sensualidade, conforto e funcionalidade.

A escolha da cor vermelha intensifica os significados simbólicos da peça ao associar o corpo a ideias de desejo, força e presença visual. Ao mesmo tempo, a simplicidade estrutural do look contrasta com a complexidade simbólica que ele produz, dificultando classificações imediatas entre lingerie e moda praia. As diferentes poses e enquadramentos presentes na composição reforçam essa ambiguidade estética e evidenciam a proposta de um vestir capaz de transitar entre múltiplos espaços sociais. Dessa forma, o look atua como narrativa visual dissidente ao deslocar códigos tradicionalmente associados ao íntimo e ao público, transformando o corpo em suporte de resistência simbólica e questionamento das normas morais historicamente impostas ao vestir feminino.



Figura 7. Look 1 da coleção “À Flor da Pele”

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

O look apresentado na Figura 8 evidencia a proposta híbrida da coleção ao combinar referências visuais da lingerie com elementos estruturais e funcionais da moda praia contemporânea. A modelagem assimétrica do top rompe com construções tradicionais do *beachwear* ao aproximar-se de peças íntimas e de linguagem fashion mais experimental, enquanto o contraste entre preto e branco reforça visualmente a dualidade central da pesquisa: íntimo e público, sensualidade e funcionalidade, controle e liberdade. A calcinha de cintura alta contribui para a valorização da silhueta feminina sem recorrer à hipersexualização do corpo, articulando conforto, sustentação e presença estética.



Figura 8. Look 2 da coleção “À Flor da Pele”

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

As diferentes poses e possibilidades de uso apresentadas na composição reforçam a versatilidade da peça e sua capacidade de circular entre distintos contextos sociais. O look aproxima-se simultaneamente do universo da lingerie, da moda praia e do vestuário casual, dificultando classificações fixas e produzindo um deslocamento simbólico sobre aquilo que é considerado apropriado vestir em espaços públicos. Dessa forma, a peça atua como narrativa visual dissidente ao questionar categorias tradicionais do vestir feminino e transformar o corpo em espaço de experimentação estética, autonomia e resistência simbólica.

O look apresentado na Figura 9 reforça a proposta híbrida da coleção ao articular elementos da moda praia, da lingerie e do vestuário contemporâneo em uma composição marcada pela assimetria e pela fluidez visual. A peça superior aproxima-se de construções típicas da lingerie por meio da modelagem ajustada ao corpo e do recorte central metálico, enquanto a combinação cromática entre azul e branco produz uma estética que remete simultaneamente à leveza do *beachwear* e à delicadeza tradicionalmente associada ao vestuário íntimo. A parte inferior incorpora amarrações e sobreposições que deslocam

a peça de uma estrutura funcional convencional, criando uma visualidade ambígua que desafia classificações fixas entre roupa íntima, biquíni e peça fashion.



Figura 9 – Look 3 da coleção “À Flor da Pele”

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

As diferentes composições fotográficas presentes no editorial evidenciam a versatilidade estética do look e sua capacidade de transitar entre múltiplos contextos de uso. A presença de elementos fluidos e assimétricos reforça a ideia de movimento e liberdade corporal, ao mesmo tempo em que rompe com padrões rígidos de modelagem tradicionalmente impostos ao vestir feminino. Dessa forma, o look atua como narrativa visual dissidente ao transformar o corpo em espaço de experimentação estética e resistência simbólica, questionando as fronteiras morais e visuais que historicamente separaram o íntimo do público no vestuário feminino.

Moda, resistência e desobediência simbólica

As discussões desenvolvidas ao longo desta pesquisa evidenciam que a moda ultrapassa sua dimensão funcional e estética, configurando-se como linguagem simbólica capaz de produzir sentidos, subjetividades e disputas sociais. Conforme discutem Reinke (2017), Barthes (2006) e Teixeira (2021), autores utilizados para fundamentação das ilações aqui propostas, o vestuário atua como sistema de significação que comunica pertencimentos, regula visualidades e organiza formas de existência socialmente aceitáveis. Nesse contexto, compreender a roupa como signo permite reconhecer que as distinções entre lingerie e moda praia não são determinadas apenas por critérios utilitários ou por elementos visuais como modelagem, silhueta, recortes, materiais e formas, mas sendo majoritariamente sustentadas por construções culturais e morais que regulam a exposição do corpo feminino em determinados espaços, com determinadas peças de vestuário.

Ao analisar historicamente o biquíni e a lingerie no contexto brasileiro, observou-se que ambas as peças foram atravessadas por tensões relacionadas à sexualidade, ao controle simbólico e à construção da feminilidade. Enquanto o biquíni foi gradualmente legitimado como símbolo da liberdade tropical e da identidade nacional, a lingerie permaneceu associada ao íntimo, à erotização e à vigilância moral do corpo feminino. Essa separação evidencia aquilo que Butler (2018) e Bartky (1990) apontam como mecanismos de performatividade e disciplina do corpo, nos quais normas sociais produzem expectativas sobre aparência, comportamento e aceitabilidade visual feminina.

Nesse eixo, a proposta do “linquíni” emerge justamente da problematização dessas fronteiras simbólicas. Ao fundir códigos visuais da lingerie e da moda praia em uma única peça, o híbrido desorganiza categorias tradicionalmente estabelecidas entre íntimo e público, sensualidade e funcionalidade, liberdade e controle. As análises visuais dos looks desenvolvidos demonstram que elementos como recortes corporais, modelagens ajustadas, assimetrias e transparências atuam como estratégias estéticas de deslocamento simbólico, dificultando classificações imediatas e questionando normas historicamente impostas ao vestir feminino.

Os resultados obtidos na pesquisa com mulheres também reforçam essa discussão ao evidenciarem uma abertura significativa à proposta híbrida. O interesse das participantes por peças associadas à liberdade, inovação, conforto e praticidade demonstra que existe um desejo contemporâneo por formas de vestir menos rígidas e mais versáteis. Ao mesmo tempo, preocupações relacionadas à transparência revelam que o corpo feminino continua atravessado por mecanismos de vigilância moral e controle simbólico. Dessa forma, os dados apontam para uma coexistência entre desejo de autonomia e permanência de normas sociais que ainda delimitam os modos aceitáveis de exposição corporal.

Nesse sentido, a coleção “À Flor da Pele” não opera apenas como exercício estético ou proposta mercadológica, mas como narrativa visual dissidente que utiliza o design como ferramenta de resistência simbólica. As peças híbridas transformam o vestir em prática discursiva capaz de tensionar padrões de feminilidade, questionar códigos morais e ampliar possibilidades de representação do corpo feminino contemporâneo. Ao assumir a moda como linguagem crítica, o projeto evidencia como o design pode atuar na produção de novos imaginários visuais e sociais.

Assim, conclui-se que o “linquíni” representa mais do que a fusão entre lingerie e moda praia: trata-se de um dispositivo simbólico de desobediência estética que pode desafiar fronteiras historicamente impostas ao corpo da mulher. Ao deslocar categorias tradicionais do vestir, a proposta híbrida cria espaços para outras formas de existência, pertencimento e liberdade corporal, reafirmando a moda como campo de disputa política, cultural e identitária.

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender de que maneira a moda pode atuar como ferramenta de questionamento social ao propor peças híbridas capazes de tensionar fronteiras simbólicas historicamente impostas ao corpo feminino. Partindo da distinção socialmente construída entre lingerie e moda praia, o estudo investigou como o “linquini” poderia operar como narrativa visual dissidente e como prática de resistência estética e simbólica. Para isso, a pesquisa articulou revisão bibliográfica, análise imagética, pesquisa de tendências e levantamento de dados com mulheres sobre percepções relacionadas ao híbrido, culminando no desenvolvimento da coleção “À Flor da Pele” como materialização visual das discussões propostas.

Os resultados obtidos demonstraram que a distinção entre lingerie e biquíni ultrapassa critérios funcionais e está profundamente associada a construções culturais e morais que regulam a visualidade do corpo feminino. As discussões teóricas evidenciaram que o vestuário atua como linguagem simbólica capaz de produzir sentidos, pertencimentos e normas sociais, sendo também um instrumento de vigilância e disciplina sobre os corpos femininos. Nesse sentido, observou-se que a separação entre íntimo e público é sustentada não apenas pelas funções atribuídas às peças, mas pelos significados sociais associados às formas, modelagens, silhuetas e modos de circulação dessas roupas.

Além disso, os dados obtidos com a pesquisa de público apontaram uma recepção significativamente positiva à proposta híbrida. As participantes demonstraram interesse por peças associadas à liberdade, inovação, conforto e versatilidade, indicando uma abertura contemporânea para formas de vestir menos rígidas e mais fluidas entre diferentes espaços sociais. Ao mesmo tempo, preocupações relacionadas à transparência e à exposição corporal revelaram que o corpo feminino continua atravessado por mecanismos de controle simbólico e vigilância moral, evidenciando a permanência de normas sociais que delimitam aquilo que ainda é considerado apropriado ou inadequado no vestir feminino.

As análises visuais da coleção “À Flor da Pele” reforçaram a potência simbólica do “linquini” enquanto proposta estética e política. Os looks desenvolvidos demonstraram que elementos como recortes, assimetrias, transparências, modelagens ajustadas e combinações cromáticas podem operar como estratégias de deslocamento simbólico capazes de questionar categorias tradicionais do vestir. Ao fundir referências da lingerie e da moda praia, as peças dificultam classificações imediatas e transformam o corpo em espaço de experimentação estética, resistência simbólica e produção de novos imaginários sobre feminilidade e liberdade corporal.

Dessa forma, conclui-se que o “linquini” não representa apenas uma proposta de inovação estética ou mercadológica, mas um dispositivo simbólico capaz de tensionar estruturas patriarcais e heteronormativas historicamente associadas ao corpo feminino. Ao desorganizar fronteiras entre íntimo e público, sensualidade e funcionalidade, o híbrido evidencia que as normas do vestir são construções culturais passíveis de questionamento, deslocamento e ressignificação.

Conclui-se também que a moda possui potencial para atuar como linguagem crítica e

ferramenta de resistência simbólica, especialmente quando articulada a práticas projetuais comprometidas com reflexões sociais e culturais. O vestir, nesse contexto, deixa de operar apenas como ornamentação do corpo e passa a funcionar como prática discursiva capaz de produzir debates sobre pertencimento, autonomia, identidade e liberdade. Assim, a proposta híbrida apresentada neste estudo reafirma a moda como espaço de disputa política, cultural e estética, capaz de abrir caminhos para outras formas de existência e representação do corpo feminino contemporâneo.

Como limitação da pesquisa, destaca-se o recorte específico do público participante, composto majoritariamente por mulheres jovens e pertencentes a determinados contextos socioculturais, o que restringe a ampliação dos resultados para outras realidades e experiências corporais. Além disso, o estudo concentrou-se em uma análise qualitativa e projetual da proposta híbrida, não contemplando investigações aprofundadas sobre consumo em larga escala, recepção mercadológica ou experiências práticas de uso contínuo das peças em diferentes contextos sociais.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras ampliem a discussão sobre hibridismos no vestuário contemporâneo a partir de outros marcadores sociais, como raça, classe, corporalidades dissidentes e identidades de gênero diversas. Também se mostram relevantes investigações voltadas à recepção social de peças híbridas em diferentes contextos culturais, bem como estudos que articulem moda, performatividade e resistência simbólica em outros segmentos do vestuário. Além disso, futuras pesquisas podem aprofundar análises sobre o papel do design de moda na construção de narrativas visuais anti-hegemônicas e na produção de novos imaginários sobre o corpo e a liberdade contemporânea.

Referências

- Amaral, M. C. A. (2024). Representação da mulher na publicidade de moda íntima: estudo de caso sobre a marca de lingerie mais vendida do Brasil. *Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação-Habilitação em Publicidade e Propaganda)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro*.
- Azevedo, J. C. B. D. (2024). Análises das narrativas publicitárias dos anos 2000 a respeito do corpo feminino a partir das campanhas da Vitoria's Secret. *Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação-Habilitação em Publicidade e Propaganda)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro*.
- Barthes, R. (2006). *Elementos de semiologia* (16. ed.). Cultrix.
- Bartky, S. L. (1990). *Femininity and domination: Studies in the phenomenology of oppression*. Routledge.
- Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (16. ed.). Civilização Brasileira.
- Cavinatto, D. D., & Hahn, N. B. (2025). Corpos em cativeiro: Explorando a interseção entre a cultura patriarcal e o controle social do feminino nos direitos humanos. *Derecho*

- y *Cambio Social*, 22(79), 1–21.
- Dondis, D. A. (1994). *Sintaxe da linguagem visual*. Martins Fontes.
- Farragolo, M. L. F. (2021). *A Lingerie enquanto fator influenciador na construção identitária da Mulher* (Master's thesis, Universidade da Beira Interior (Portugal)).
- Ferreira, D., & Serrano, R. (2019). A evolução do biquíni no século XX. In *Anais do JEPEX* (Vol. 8, pp. 1–8). IFRS.
- Goldenberg, M. (2005). Gênero e corpo na cultura brasileira. *Psicologia Clínica*, 17(2), 65–80.
- Golddenzon, J. (2021, November 25). *Lenny e seus 30 anos de moda praia*. Veja Rio. <https://vejario.abril.com.br/coluna/julia-golddenzon/lenny-30-anos-moda-praia/>
- Lafetá, M. D. O., & Alfinito, S. (2013). Lingerie de luxo no contexto da moda. *Revista de Moda, Cultura e Arte*, 6(2), 95–120.
- Laserra, B. R. (2024). *Moda (e) linguagem: A roupa discursiva* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas). Repositório da UNICAMP.
- Lima, G. S. C., & Martins, G. B. (2015). Biquíni, juventude e contestação no Rio de Janeiro: 1960–1970. In G. C. Lima & L. Medeiros (Orgs.), *Textos selecionados de design* (Vol. 4, pp. 143–164). PPDESDI.
- Mccracken, G. (2003). *Cultura e consumo: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Mauad.
- Niemeyer, L. (2003). *Elementos de semiótica aplicados no design*. 2AB.
- Peirce, C. S. (2005). *Semiótica* (J. T. Coelho Neto, Trad., 2ª reimpr. da 3ª ed. de 2000). Perspectiva. (Obra original publicada como *The collected papers*)
- Reinke, C. A. (2017). Quando as roupas falam: Debate sobre a moda como uma forma de linguagem. *Revista Práxis*, 1(14), 75–84.
- Santaella, L. (2018). *Semiótica aplicada*. Cengage Learning.
- Teixeira, F. V. S. (2021). Moda como linguagem: Uma partilha do sensível. *dObra[s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda*, (31), 262–273.

Abstract: This paper investigates how fashion can operate as a tool for social critique through the creation of hybrid garments between lingerie and *beachwear*, referred to as “*linquinis*.” The research is based on the understanding that the distinction between bikinis and lingerie is not merely functional, but sustained by moral and symbolic constructions that regulate the female body. The study articulates fashion, semiotics, and gender studies to analyze clothing as a language capable of producing meanings, subjectivities, and forms of resistance. Methodologically, the research involved bibliographic review, imagetic analysis, trend research, and the application of a questionnaire with forty women regarding perceptions of hybrid garments. The results reveal an interest in pieces associated with freedom, innovation, comfort, and versatility, while also exposing the persistence of moral surveillance mechanisms over the female body. The collection “À Flor da Pele” visually materializes these discussions through looks that challenge the

boundaries between the intimate and the public. It is concluded that the “linquini” operates as a dissident visual narrative and a device of symbolic resistance, reaffirming fashion as a field of political, cultural, and aesthetic dispute.

Keywords: hybrid fashion – female body – semiotics – dissident narratives – anti-hegemony – *beachwear* – lingerie – aesthetic decolonization – gender – symbolic resistance

Resumen: Este artículo investiga cómo la moda puede actuar como herramienta de cuestionamiento social a partir de la creación de piezas híbridas entre lencería y moda de playa, denominadas “linquínis”. La investigación parte de la comprensión de que la distinción entre bikini y lencería no es únicamente funcional, sino sostenida por construcciones morales y simbólicas que regulan el cuerpo femenino. El estudio articula moda, semiótica y estudios de género para analizar el vestir como un lenguaje capaz de producir significados, subjetividades y resistencias. Metodológicamente, se realizó una revisión bibliográfica, análisis de imágenes, investigación de tendencias y la aplicación de un cuestionario a cuarenta mujeres sobre percepciones relacionadas con las prendas híbridas. Los resultados evidencian interés por piezas asociadas a la libertad, innovación, confort y versatilidad, al mismo tiempo que revelan la permanencia de mecanismos de vigilancia moral sobre el cuerpo femenino. La colección “À Flor da Pele” materializa visualmente estas discusiones mediante looks que tensionan las fronteras entre lo íntimo y lo público. Se concluye que el “linquini” opera como narrativa visual disidente y dispositivo de resistencia simbólica, reaffirmando la moda como campo de disputa política, cultural y estética.

Palabras clave: moda híbrida – cuerpo femenino – semiótica – narrativas disidentes – antihegemonía – moda de playa – lencería – descolonización estética – género – resistencia simbólica

Laura Giovanna Oliveira Antunes: Graduanda em Design de Moda pela Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Acadêmica de Passos (Brasil).

Ítalo José de Medeiros Dantas: Professor do Bacharelado em Design de Moda na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Acadêmica de Passos (Brasil), onde atua como líder do Laboratório de Estudos em Moda, Sustentabilidade e Sentidos (LEMOSS/UEMG/CNPQ). Doutorando em Processos e Manifestações Culturais (Interdisciplinar em Sociais e Humanidades) pela Universidade Feevale; Mestre em Design pela Universidade Federal de Campina Grande; Especialista em Comunicação, Semiótica e Linguagens Visuais pela Universidade Braz Cubas; e, Graduado em Design de Moda pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.